

CARLOS REIS

Diálogos
com
José Saramago

 Porto
Editora

Nota Prévia

A reedição deste livro ocorre quase vinte anos depois de terem sido registados os diálogos que deram origem ao volume originalmente publicado em 1998, pouco depois de o escritor ter recebido o Prémio Nobel da Literatura. Pela sua natureza, uma obra deste tipo dificilmente pode ser objeto de reformulações ou de acrescentos; por essa razão, há de ter-se presente que, nas palavras de José Saramago que aqui se lerão, nas ideias que explana e nos argumentos que aduz, inevitavelmente ressoam as marcas do tempo e do espaço em que tais palavras, ideias e argumentos foram enunciados. Isso não impede que seja dito o seguinte: é sempre oportuno e pertinente visitar um escritor que consabidamente tinha um pensamento próprio e ideias literárias que com esse pensamento sintonizavam; e que falava e escrevia com o desassombro e com a clareza que a alguns desagradava, mas que para ele eram uma forma inalienável de respiração intelectual.

É alguma coisa disso que aqui podemos reencontrar, num registo que deliberadamente difere da entrevista convencional para jornal ou revista. Em quase tudo o que nestas páginas é dito pelo escritor encontram os seus leitores e os seus

estudiosos matéria e desafio abundantes para com ele estabelecerem o seu próprio diálogo. Um diálogo em que participam, à sua maneira, as obras de José Saramago publicadas até 1998, mas em que afloram já algumas daquelas que o escritor publicou depois. Basta dar alguma atenção ao que Saramago nos diz, para se perceber que é assim.

Como quer que seja e pelos motivos que foram invocados, optou-se por retomar os *Diálogos* nos termos em que ficaram expressos em 1997, com exceção de alguns retoques mínimos no texto e de alguns reajustamentos editoriais de circunstância. Manteve-se o breve estudo introdutório «O escritor em construção», talvez ainda suscetível de elucidar alguns aspetos significativos da génese do escritor José Saramago; e acrescentou-se, no final do volume, um texto escrito a propósito da publicação, em 2013, do ensaio de José Saramago, *A Estátua e a Pedra*.

Não termino sem lembrar que este livro não teria sido possível sem a generosa disponibilidade de quem foi um grande escritor e um amigo inesquecível. Exatamente porque o era, José Saramago nunca procurou condicionar os juízos de quem, como eu, sempre se aproximou e reaproximou dos seus livros com aquela plena liberdade que se irmana com a independência que é reclamada por todo o ato crítico digno desse nome.

Carlos Reis

Coimbra, 21 de setembro de 2014

Apresentação

Em finais de janeiro do ano passado¹, durante três dias e ao longo de quatro sessões de trabalho, num total de cerca de sete horas, recolhidas em seis cassetes áudio, mantive com o escritor José Saramago um intenso conjunto de diálogos. Os diálogos ocorreram em Lanzarote, em casa do escritor, no cenário ao mesmo tempo árido e fascinante de uma ilha povoada por trezentos vulcões extintos. Para que o resultado final fosse o que a seguir se verá, muito contribuiu a infinita paciência e a consabida disponibilidade do escritor: ambas se registam e se agradecem aqui, tal como a hospitalidade que, sendo qualidade antiga em quem a concedeu e também em Pilar, apareceu refinada pela sabedoria de vida que só a ilha faculta.

Assim é: Saramago foi viver para um arquipélago e, nele, para uma ilha de encanto muito peculiar. De facto, em Lanzarote está flagrantemente presente a memória recente da agitada formação do planeta — ou, pelo menos, de algumas das suas partes. Os vestígios de lava e os vulcões (por agora) exaustos dão que pensar: por exemplo, na carga de turbulenta

¹ O autor refere-se a 1997.

energia que o bom Deus desencadeia, nos dias de ira em que decide (vá-se lá saber porquê: são insondáveis os Seus desígnios) que as dimensões da terra e os limites dos homens que precariamente nela vivem hão de ser mais diversos do que na véspera eram. Parecido com isto, só o que noutras ilhas, as dos Açores, pode ver-se.

Aos amigos mostra Saramago a *sua* ilha (com orgulho, revela-me o escritor que oficialmente fizeram dele cidadão honorário de Lanzarote); e justamente não se cansa de chamar a atenção para a convulsiva beleza de um cenário que só visto pode ser razoavelmente apreciado, mas dificilmente entendido (Saramago não avança para a explicação teológica — porque não acredita em Deus). É assim com as montanhas do parque de Timanfaya (ia a dizer espetaculares, mas é pouco), com a cratera do vulcão El Cuervo, com as grutas dos Jameos del Agua, com a rebentação do mar nos Hervideros e mesmo com aquilo que os homens procuraram modificar, tentando controlar o vigor da natureza: recordo as vinhas enterradas em covas semicirculares e muradas, que protegem do vento, ou as estranhíssimas figueiras de que só os ramos se veem, porque o tronco vive soterrado.

Falei em sessões de trabalho, porque disso mesmo se tratou; e referi-me a diálogos num sentido que pouco ou nada tem que ver com a conversa desenvolvida que decorre ao sabor do acaso, sem prévia orientação nem calculado propósito. Tratava-se de registar testemunhos do escritor não apenas, como depois se verá, sobre a sua obra, mas também sobre diversos aspetos da criação literária, com os quais forçosamente essa

obra dialoga: da história literária do escritor (formação, profissões, contactos, leituras, fantasmas pessoais, etc.) à linguagem da narrativa (motivações e elementos estruturantes, escrita e efeitos); da condição do escritor, no contexto da instituição literária, à sua reflexão problematizante sobre a História, os seus mitos e as suas mistificações; da questão dos géneros literários à relação com o cânone e com os sistemas ideológicos que na obra literária se projetam. De tudo isto e do mais que depois se verá nasceram os diálogos que agora se publicam.

Não se trata, com eles, de esgotar o pensamento estético de um escritor que é, sabemos-lo bem, um exemplo vivo e ativo de constante questionamento e auto-questionação; muito menos se pretende estipular um roteiro de leituras para o futuro, guiando o leitor no incerto trajeto pelas obras do autor: se assim fosse, estaríamos a dar à palavra de Saramago uma dinâmica normativa que ela não tem, porque não quer e porque não deve tê-la.

Como quer que seja: mesmo aquém dessa perversa tensão normativa, os *Diálogos com José Saramago* revelam, por certo, alguma coisa do seu pensamento estético e da sua forma de estar na vida, como escritor, mas também como cidadão. É isso que terá sido retido e (já agora) disponibilizado para leitores de diversa motivação: do leitor corrente dos romances de Saramago ao estudioso da sua obra, passando pelo professor que trabalha com os seus textos e pelo estudante que (supostamente) os lê.

Convém explicar que os diálogos que a seguir se explicam foram submetidos, para esta publicação, ao arranjo mínimo que as circunstâncias aconselhavam: não se anulou por

inteiro o registo de coloquialidade que a gravação captou, mas retocou-se o texto por forma a evitar repetições e (naturais) hesitações; não se reelaborou profundamente aquilo que só o próprio autor poderia reelaborar, mas procedeu-se a uma arrumação dos materiais que traduz muito da proposta de trabalho inicialmente apresentada a José Saramago. Em síntese: estes diálogos refletem, de facto, o que se passou, na sua essência — desde que nela não queiramos incluir as sonoras intervenções de *Greta*, *Camões* e *Pepe*, três simpáticos canídeos que assistiram, entre desconfiados e entediados, a uma longa conversa que (naturalmente) pouco lhes interessava.

Para não sobrecarregar excessivamente o texto, decidi reduzir a muito pouco as notas explicativas: elas surgem apenas quando entendo que trazem esclarecimentos efetivamente necessárias para se esclarecer o que, de outro modo, ficaria incompreensível.

Uma observação final. Os *Diálogos com José Saramago* são do escritor, mais do que meus; a forma como fui colocando as questões não expressa, contudo, uma pura e neutra indagação. Se intitulei o que aqui fica como *diálogos*, foi porque procurei investir no questionamento uma (ainda assim discreta) atitude de interpelação, por vezes até de interlocução argumentativa, em busca não de uma qualquer verdade que sempre nos escapa, mas, pelo menos, da clarificação de problemas que me parecem significativos: para o escritor, para os seus leitores e para o conhecimento do fenómeno literário em geral. De qualquer forma, repito, o que aqui fica é, pelo menos, um esboço de poética: a que, mesmo difusamente, rege as práticas

literárias, culturais e ideológicas de um escritor chamado José Saramago. Esse que agora é Prémio Nobel da Literatura, mas que, para o autor destas linhas, já o era antes de a Academia Sueca se ter lembrado de o confirmar como tal.